



ECOLOGIA E RESISTÊNCIA NA ESTÉTICA DE FRANS KRAJCBERG

FRANK KRAJCBERG'S AESTHETIC ECOLOGY AND RESISTANCE

Maria Marta Morra Tomé¹

RESUMO

Krajcberg foi um artista exponencial. Por meio de um estado permanente e intenso de pesquisa e experiências com elementos naturais (pigmentos minerais, raízes, cipós e troncos) propõem uma estética *ecorresistente*, em linguagens como gravura, relevo, fotografia e escultura. A resistência krajcberguiana emerge como forma de sobrevivência em face da violência nazista, que o lançou às vicissitudes do degrado, alimentando seu desejo de re-existir. As questões nodais que envolvem a estética Krajcberguiana trazem à tona questões e temas correlatos, como: sustentabilidade, consumismo, violência, individualização, preconceito étnico-racial, insensibilidade moral, ética, alteridade, humanismo, política, globalização, modernidade/pós-modernidade. Uma estética *ecorresistente* como apresenta Krajcberg, pauta questões que estão em plena vigência.

PALAVRAS-CHAVE

Ecologia; Resistência; Estética; Krajcberg.

ABSTRACT

Krajcberg was an exponential artist. Through a permanent and intense state of research and experiments with natural elements (mineral pigments, roots, vines and logs), they propose an ecoresistant aesthetic in languages such as engraving, relief, photography and sculpture. Krajcbergian resistance emerges as a form of survival in the face of Nazi violence, which has thrown him into the vicissitudes of the degrading, fueling his desire to re-exist. The nodal issues surrounding Krajcbergian aesthetics raise related issues and issues, such as sustainability, consumerism, violence, individualization, ethnic-racial prejudice, moral insensitivity, ethics, otherness, humanism, politics, globalization, modernity / postmodernity. An ecoresistant aesthetic, as Krajcberg presents, addresses issues that are in full force.

KEYWORDS

Ecology; Resistance; Aesthetics; Krajcberg.

Frans Krajcberg (1921-2017), nascido na Polônia - após ter sua vida atravessada pela 2º Guerra Mundial (1939-1945), torna-se nômade, deslocando-se entre territórios, chega ao Brasil em 1948, aos 26 anos. Sem falar o idioma local, levou uma vida de dificuldades, primeiro no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, não sendo diferente da vida e da

¹ Maria Marta Morra Tomé é artista Plástica (UFES-2001). Mestranda em História, Teoria e Crítica da Arte (PPGA/UFES-2018/2020), com *Ecologia e resistência em Frans Krajcberg*. Membro do grupo de pesquisa *Crítica e experiência estética em Gerd Bornheim*, com Prof. Dr. Gaspar Paz. Atualmente expõe seu trabalho no Espaço Ecoternura, Vila das Artes, Jacaraípe, Serra. Contato: mariamartaufes@gmail.com.



realidade já vividas no pós-guerra, ainda na Europa. No Brasil, nesses anos iniciais, trabalhou como operário, pedreiro, serviços gerais, pintor de azulejos, montador de exposições, incluindo a montagem da primeira Bienal de São Paulo, realizada em 1951.

Krajcberg veio ao Brasil motivado por amigos solidários à sua causa, mas também, por um fascínio que habitava seu imaginário e o projetava para a possibilidade de uma vida em meio a natureza exuberante. Esse cenário imaginado significaria uma quietude às suas tormentas – após os horrores da guerra. No entanto, essa mesma natureza exuberante, tornou-se motivo para manter uma centelha, que alimentou uma revolta latente em Krajcberg. Revolta essa que, por toda uma vida, o impulsionou a criar uma das obras mais contundentes e denunciativas da arte brasileira.

No Paraná, na década de 1950, conheceu as grandes queimadas que consumiam enormes áreas de florestas nativas. O cenário dessa primeira queimada, que vivenciou, reativou sua memória, relacionando as imagens das árvores calcinadas, ao horror da guerra, com corpos humanos incinerados nos campos de concentração nazistas. Krajcberg foi transformado por esse cenário deprimente; deixou o Paraná - onde experimentava a plasticidade das folhas de samambaias destas florestas do sul, e com a série *samambaias*, ganha o prêmio de melhor pintor na Bienal de São Paulo, em 1957. Krajcberg voltou à Paris, e de lá, seguiu para Ibiza, onde percebe que arte e natureza não se dissociam em seu ato criador, e nesse caminho, da natureza como materialidade, Krajcberg encontra as experiências que, sem retorno, definiram sua estética.

Krajcberg ressignificou a natureza, como materialidade, na arte. Esses processos e experiência de ressignificação trouxeram resultados significativos, originais e potentes que versaram sobre muitos de seus recomeços. Em uma primeira fase, no início da década de 1960, em Ibiza, as porções que cabiam na sua mão - pigmentos minerais e terrosos, pedras e cascalhos, fragmentos vegetais – foram levados às telas, criando as primeiras *terras craqueladas*. Mas também foram experimentados os processos que levaram às gravuras e às impressões em papel e gesso, que chamou série *Ibiza*. Na figura 1, imagem de uma das obras apresentadas pelo artista na Bienal de Veneza em 1961, na qual Krajcberg foi



premiado pelo conjunto da obra, que continham pedras e pigmentos minerais em tons terrosos amarelo-alaranjados, fixados sobre tela.



Figura 1 – Frans Krajcberg. Série *Ibiza*. Técnica: Relevo sobre cartão. Dimensão: 122 x 77 cm. 1961. Fonte: <http://www.pontualarte.com.br/portofolio/frans-krajcberg/>

Krajcberg criou relevos e gravuras a partir das texturas encontradas no solo, ou em elementos naturais, Pierre Restany² chamou de relevo gofrado. Em outro momento, quando a pesquisa com pigmentos minerais é aprofundada, ocorre uma grande abertura em seu trabalho. Em 1964, quando retorna ao Brasil, nascem às primeiras experiências escultóricas, em Cata Branca-MG, quando enveredou pelas áreas das grandes mineradoras de ferro, e ao encontrar troncos e madeiras “abandonadas”. Krajcberg, ainda, em mais um de seus processos de descoberta, associou foco de luz a cipós e raízes, projetando suas sombras em suporte plano, inaugurando uma série denominada *sombras recortadas*, apresentadas na figura 2.

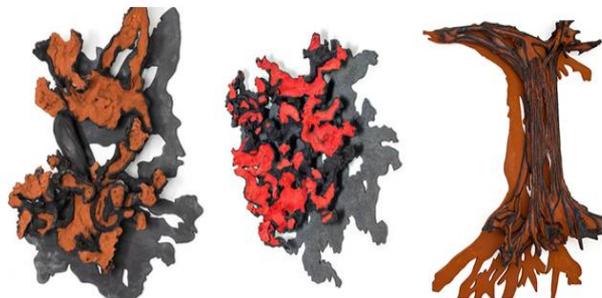


Figura 2 – Frans Krajcberg. Série *Sombras recortadas*. Imagem de Catálogo/Exposição: *Imagens do Fogo*. 1992. Técnica: raízes, escultura em madeira. Dimensões diversas. S/data. Fonte: <https://paulodarzegaleria.com.br/artistas/frans-krajcberg/>

² Pierre Restany, filósofo francês, teórico e crítico de arte, conceituou o Novo Realismo, e com F. Krajcberg e S. Baendereck produziram o Manifesto do Naturalismo Integral (1979).



Depois de experienciar algumas nuances de Brasil, por meio de viagens de conhecimento, Krajcberg fixa residência, em Nova Viçosa, no sul da Bahia, que chamou de *Sítio Natura* (1972). Sua rotina de pesquisa, que, aliás, não abria mão, proporcionadas pelas circunstâncias ligadas ao manguezal baiano, conduziram Krajcberg a mais experiências, novos processos e resultados estéticos ainda mais significativos. Nessa direção manteve a consciência da necessidade de integralidade, com disponibilidade afetiva, e exercitando a disciplina da percepção, como veio a preconizar posteriormente o Manifesto do Naturalismo Integral³. Essa percepção sobre as questões da natureza, observando a habilidade e sabedoria ancestrais dos povos originais das florestas do Brasil, criou gigantescas esculturas trançadas, nos anos 1980.

As monumentais esculturas, criadas a partir de troncos de grandes árvores e que configuraram a cristalização da estética Krajcberguiana, nasceram anos 1980, quando Krajcberg dividiu seu ambiente de morada e trabalho, no seu *Sítio Natura*, com os depósitos abarrotados de raízes, casqueiros, troncos e madeira calcinada advindas das grandes florestas do Acre, Mato Grosso, Pará, Amazônia, Espírito Santo, também da Bahia. A figura 3 traz uma escultura de 12 metros, fotografada por Krajcberg, no cenário do Sítio Natura.



Figura 3 – Frans Krajcberg. *Flor do Mangue*. Década de 1970. Técnica: Escultura em madeira. Dimensão: 12x8x5 m. S/data. Fonte: <http://franzkrajcberg2c.blogspot.com/2009/11/flor-do-mangue.html>

³ Manifesto do Naturalismo Integral ou Manifesto do Rio Negro, produzido após expedição pelos rios da Amazônia Brasileira. Redigido por P. Restany, com anuência de F. Krajcberg e S. Baendereck, lançado em 1979.



Krajcberg ressignificou elementos naturais. Legou à humanidade uma estética que ousou aliar ecologia e resistência, porque isso traduziu sua trajetória, tornando-o um artista exponencial. Podemos considerar que sua postura, estético-política, inconformada com os preconceitos de toda ordem e com a destruição da natureza e da cultura, advêm de uma persistente (re)existência, que sempre guiou sua vida e obra. É, a partir daí que suas pinturas, relevos, gravuras, esculturas e fotografias – que acompanharam as transformações formais das artes de seu tempo – exibem uma preocupação poética e social com os vestígios e a memória, com a estética e com a política, com morte e vida, por meio das ressignificações. Krajcberg escreveu uma história singular, forte e exemplar, onde a natureza é coautora e protagonista.

Para apresentar a vida *sui generis* de Krajcberg, busca-se ignorar a cronologia, considerando que não há fases estanques, porque as experiências e processos se apresentam e se reapresentam híbridos. O que se quer é subsidiar, de acontecimentos histórico-pessoais as nuances da vida do artista, buscando reforçar a linha de investigação de uma pesquisa: ecologia e resistência se inscrevem na estética de Frans Krajcberg? É possível afirmar que o artista, por meio da sua arte, atua e propõem com uma estética *ecorresistente*? Quais são as relações existentes, entre arte, ecologia e resistência que são verificáveis na trajetória do artista Krajcberg e que podem ser indícios para o aprofundamento das questões nodais que comprovam se tratar de uma *estética ecorresistente*?

Em quase 70 anos de pesquisas, experiências, processos e intensa produção artística, Krajcberg mesmo tendo convivido com diversos movimentos artísticos, tanto no Brasil, quanto na Europa, envolveu-se com uma pesquisa exclusiva, até então inédita, e com indiscutível potencial estético. Esses movimentos “explodiram” em suas épocas, e provocaram profundas transformações estéticas, que marcaram e definiram períodos na história da arte. Alguns desses expoentes eram amigos de Krajcberg como, por exemplo: Pierre Restany, que liderava o movimento dos novos realistas franceses, e o artista plástico Waldemar Cordeiro, que liderava o movimento concretista em São Paulo. No entanto, Krajcberg não aderiu a nenhum desses movimentos, seguiu seu caminho expandindo e aprofundando seus processos e suas experiências com materiais e elementos naturais que reproduziam e revelavam as formas da própria natureza. Krajcberg disse certa vez: *Não pertencem a movimentos. Os únicos movimentos são os dos astros, marés e ventos. A Natureza é*



a minha arte! – Como posso fugir desta realidade? (KRAJCBERG, 1985). Mantendo uma independência dos movimentos artísticos que o ladeavam, em 1959, fez sua primeira viagem a Amazônia, e em 1965 à Bahia. E em outros momentos, contando com a interveniência de tantas outras parcerias, Krajcberg viajou períodos longos e por vários anos, pelo Brasil, sempre se encantando e registrando – sensivelmente e fotograficamente, as peculiaridades, riquezas e exuberância das paisagens e territórios naturais, que visitou. Relatou que se sentia parte da natureza que o cercava e que esperava a terra rachar para fotografar, e, definiu que esse tempo de espera, era para ele, como se estivesse fisicamente, conectado ao tempo da natureza.

Na literatura, define-se manifesto como um texto de natureza dissertativa e persuasiva, uma declaração pública de princípios e intenções, que objetiva alertar um problema ou fazer a denúncia pública de um problema que está ocorrendo, normalmente de cunho político.

Krajcberg denunciou publicamente, por meio de manifestos, os problemas que aconteciam no Brasil, em relação à natureza brasileira, e estes manifestos escancararam, tanto sua verve política, quanto sua indignação. Os manifestos foram/são mecanismos e ferramentas que continham/contém imagens de Krajcberg e textos críticos de grandes nomes do cenário literário à época. O primeiro: *Manifesto do Naturalismo Integral* lançado em 1979, contou/conta com a redação de Pierre Restany (1930/2003), e o último: *Grito de Esperança pela Amazônia*, lançado em 2011, continha/contem textos do poeta amazonense Thiago de Mello (1926-), e do escritor João Meirelles (1960-). Os manifestos que Krajcberg aportou na sua trajetória, causaram repercussão pessoal e social, porque atuaram por força das circunstâncias, ora para situar o artista na esfera da arte, ora para situar o ativista no contexto da denúncia, e se mantêm em plena vigência, visto que os princípios e as intenções norteadoras desses manifestos objetivaram alertar, para as mesmas pautas urgentes, tanto de ontem, como de hoje. Esses manifestos marcam a vida de Krajcberg, que primeiro se descobre, e depois se declara e se posiciona ecologista, não apenas por extremada revolta e grande sensibilidade, mas por urgência.

Encarnando as máximas do *Naturalismo Integral*, Krajcberg vivencia o naturalismo sem metáforas, como o estado pleno da sensibilidade, a grande abertura da consciência, sendo a



vivência do naturalismo integral verificado em sua vida. Na figura 4, vê-se uma imagem do exemplar da *Revista Natura Integrale*, onde foi publicada a íntegra do *Manifesto do Naturalismo Integral* ou *Manifesto do Rio Negro*.

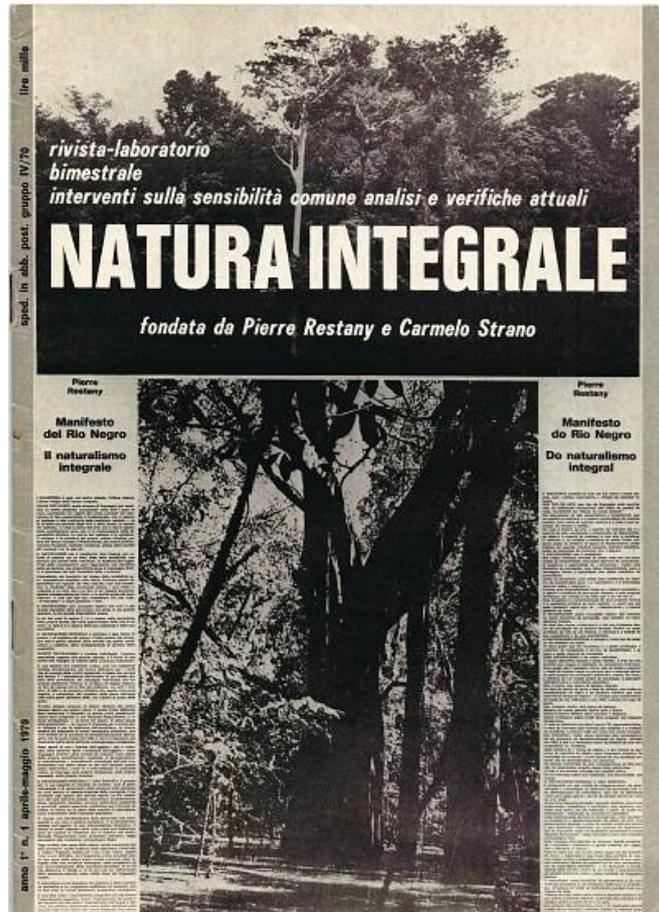


Figura 4 – Capa histórica da *Revista Natura Integrale*. P. Restany e C. Strano e imagens de F. Krajcberg. 1979.
Fonte: <http://fkmanifesto.com/naturalismo-integral>

Krajcberg começou a fotografar seus próprios trabalhos, ainda em Ibiza, com cerca de 40 anos, depois quando retorna ao Brasil, além dos próprios trabalhos, fauna e flora, paisagens naturais, texturas e detalhes que revelaram delicadezas e sutilezas naturais. A medida que adentrou as questões brasileiras, relacionadas ao ambiente natural, aprofundou o uso do recurso fotográfico, passando a registrar as paisagens, territórios e ambientes das florestas brasileiras, que sofriam a degradação por queimadas ou desmatamentos. Krajcberg não se dizia fotógrafo, e na epígrafe do livro *Natureza* (2011), declarou: “Eu não sou fotógrafo (...). Tento fotografar aquilo que o homem não vê”. A fotografia de Krajcberg é uma ferramenta de busca, para encontrar e revelar as formas, e ampliar o objeto e o olhar. Depois da passagem por Mato Grosso, no final da década de 1980, as fotografias passaram a registrar e



denunciar, nesse momento da vida, já com quase 70 anos, Krajcberg já atuava como um artista ecologista. Como conceituou o professor e crítico baiano J. Antônio Saja (1945-2019), quando Krajcberg conjuga imagens e esculturas, cria *fotoesculturas*. Com a chegada dos 90 anos de idade, a fotografia passa a ser sua atividade diária. Existiram diversos novos momentos, novos recomeços, novos (re)existir na trajetória resistente de Krajcberg, e as rotinas de pesquisa, experiências e processos nunca cessaram.

Foi premiado, recebendo condecorações, honrarias, chave de cidades, títulos de cidadão; biografado em produções literárias, audiovisuais e documentais e em textos jornalísticos. Recebeu o prêmio *Grande Prêmio Enku* de melhor escultor do mundo, concedido pelo Japão, em 2015, pela obra escultórica de cerca de 3 metros de altura, que se assemelha a uma caixa torácica, onde predominam cores fortes como preto e vermelho, e encontra-se, atualmente, no Sítio Natura, ladeando o enorme tronco de pequi (*Caryocar brasiliense*), de 7 metros de altura, que sustenta a casa de Krajcberg, e é o depositário das cinzas do artista. No Sítio Natura, pode-se encontrar: fotografias, relevos minerais e gofrados, impressões e gravuras, além das esculturas. Na figura 5 temos a imagem do artista, aos 95 anos, no ano de 2015, em uma das sete edificações do *Sítio Natura*.

Krajcberg antecipou grandes atos a favor e pela natureza brasileira, primeiro, com as publicações dos manifestos que participou, promoveu e divulgou como um ato coletivo, e depois, à medida que aprofunda suas raízes no Brasil, e na arte com a ressignificação dos elementos naturais, desencadeou ações ativistas, de grande impacto artístico, social e político, com exposições, participação em debates e fóruns permanentes, e outras linguagens, tanto no Brasil, quanto ao redor do mundo, contra a destruição das florestas e de seus povos originários. Mas, é com um ato que realiza sozinho, em 2017, que Krajcberg conclui seu maior manifesto. Krajcberg doou seu patrimônio artístico e pessoal, após, e em ato contínuo a sua morte, como patrimônio público, ao Governo da Bahia.

Ao vivenciar a história de Frans Krajcberg, somos conduzidos pelo tempo do artista, e naturalmente, a um tempo cronológico, mas, a estética Krajcberguiana, não possui fases estanques. As séries mostram simbiose dos resultados nas suas experiências e processos, acumulados em toda sua trajetória. Nas nuances desta trajetória, para além dos resultados



estéticos, a medida do aprofundamento na história do artista, surgem questões em eixos teóricos historicista, críticos e filosóficos. Na busca por expandir, ainda mais, aspectos dos processos e seus resultados, estabelecendo contato no campo do sensível das ressignificações e (re)existências de Krajcberg, adentramos as possíveis questões nodais da estética Krajcberguiana.



Figura 5 – Imagem de Frans Krajcberg, 2015. Foto: Leonardo Aversa. Fonte: <http://socialismocriativo.com.br/artista/frans-krajcberg/>

Ao vivenciar o território krajcberguiano, ontem *Sítio Natura*, hoje *Museu Krajcberg*, localizado em Nova Viçosa/BA, vivenciamos as marcas dos seus tempos, pesquisas, experiências e processos. Visitamos, não só o grandioso e imensurável legado patrimonial do artista, ao vivo e a cores; mas também, a magnitude e monumentalidade da sua proposta; aspectos do naturalismo integral sem metáforas, mas, a medida das nossas entregas pessoais e coletivas; e até um possível caminho para entender e respeitar, as suas indignações. No templo de (re)existir de Krajcberg o *Sítio Natura*, constatamos o destino das suas ressignificações na arte contemporânea, e a vigência das pautas que significaram sua vida. No campo do sensível, na esteira de teóricos e críticos contemporâneos, as inflexões sobre ecologia e resistência e suas correlações, são pautas conectadas a eixos como natureza, meio ambiente, sustentabilidade, patrimônios ambiental e natural, violência, preconceito étnico-racial, insensibilidade moral, ética, alteridade, humanismo, política, globalização,



modernidade/pós-modernidade, individualização e consumismo, sendo este o caminho para compreender as questões nodais que sustentam e envolvem a vida de Krajcberg.

Na plenitude do ano 2019, portanto, muito tempo depois dos primeiros manifestos; das primeiras denúncias; das primeiras exposições de caráter ativista; das primeiras articulações com líderes ambientalistas; dos primeiros anúncios de degradação ambiental; dos primeiros documentários e fotografias de registro de desmatamento e queimadas criminosas no Brasil, as pautas Krajcberguianas se encontram em plena vigência, e alinhadas às questões nodais que motivaram sua vida e obra.

O mundo tinha, no fim de 2018, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), cerca de 70,8 milhões de pessoas forçadas a deixar suas regiões de origem por motivos de guerra, perseguição, violência e violação aos direitos humanos. Neste ano de 2019, um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), e aponta as principais causas: perda da habitat natural, exploração das fontes naturais, mudanças climáticas, poluição, espécies invasoras. Falta de acesso à água potável afeta dois bilhões de pessoas, e provoca aumento de conflitos no mundo, diz relatório da ONU, ressaltando que, nessa projeção, vai afetar a produção de alimentos. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) divulgou novo relatório que analisa e compila as descobertas científicas mais recentes sobre o aquecimento global e destaca a importância da Amazônia. Nesses mais de 500 anos que os europeus chegaram ao Brasil, os povos indígenas sofreram genocídio em grande escala, e a perda da maioria de suas terras. Hoje, no Brasil há planos agressivos para desenvolver e industrializar na região amazônica. Até os territórios mais remotos estão sob ameaça. A flexibilização das leis de proteção aos territórios indígenas, irão permitir a implantação de complexos industriais, próximos a região dos grupos indígenas mais isolados, privando ainda mais as sociedades indígenas da terra, água e meios de seus meios ancestrais de subsistência.

Krajcberg, pouco tempo antes de morrer, continuava gritando: "Vocês não sabem o que está acontecendo na Amazônia; é um massacre, precisamos interromper esse ciclo". Carlos Vergara, artista plástico e amigo, declarou após a morte de Krajcberg, que ele era "o mais



brasileiro dos poloneses”, que era um apaixonado pelo Brasil, e sentia raiva pela devastação das florestas brasileiras. “Frans possuía uma postura muito rigorosa sobre a preservação ambiental, vegetal, e também sobre os índios e povos das florestas. [...] Mais do que um posicionamento político e existencial, ele nutria um comprometimento religioso com a Terra, e com a floresta”. Frederico Moraes, disse que “A obra realizada por Frans Krajcberg, ao longo de meio século, baseada no íntimo relacionamento com a natureza, é mais do que um projeto estético. É uma ética”. Krajcberg é um artista político “extratemporal” (RESTANY apud MORAES, 2004). Ao nos depararmos com a estética, o território Krajcberguiano e a sua ecorresistência, teremos a oportunidade de perceber profundamente a natureza, a ponto de experimentar o poder e a potência das informações que advêm da verve ética, política, moral e histórica da humanidade, que emanam da arte de Frans Krajcberg.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BORNHEIM, Gerd. **Temas de filosofia**. São Paulo: Edusp, 2015.
- HOUAISS, Antônio; RESTANY, Pierre; MEIRELES, João Filho; KRAJCBERG, Frans. **Natura**. Rio de Janeiro: Index, 1987.
- RESTANY, Pierre; SALLES, Walter; PONTUAL, Roberto; HOUAISS, Antônio; KRAJCBERG, Frans; MORAIS, Frederico. **Frans Krajcberg**: Natura - Revolta. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000.
- FERNANDINO, Fabrício José. **Poesia das Coisas Naturais**. 1998. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. 1998.
- MORAIS, Frederico. **Frans Krajcberg**: a arte como revolta. 2. ed. Rio de Janeiro: GB Arte, 2012.
- PONTUAL, Roberto. A natureza reabastece em arte. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1980. Caderno B. p.6.
- RENATA, Sant’ Anna; PRATES, Valquíria. **Frans Krajcberg**: a obra que não queremos ver. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.
- SCOVINO, Felipe. **Frans Krajcberg**. São Paulo: Arauco, 2011.
- VETRELHA, Roseli; BORTOLOZZO, Silvia. **Frans Krajcberg**. São Paulo: Moderna, 2007.